

# O LUTO EM HILDA HILST: NARRATIVAS DE DERRELIÇÃO EM *A OBSCENA SENHORA D*

Jose Valdeci Grigoletto Netto

Mario Thadeu Leme de Barros Filho

**Resumo:** O luto é uma resposta natural que acontece após a ruptura de um vínculo afetivo e que, apesar de ser uma experiência universal, espera-se que cada pessoa experiencie seu luto de forma particular e subjetiva. Com o intuito de apresentar e discutir acerca da temática do luto, nesta pesquisa utilizou-se como objeto de análise uma obra literária da autora brasileira Hilda Hilst intitulada *A Obscena Senhora D*, publicada originalmente em 1982. Para tanto, *à priori*, foi realizada uma apresentação acerca de vida e obra da autora para, na sequência, realizar uma apresentação da obra escolhida. Na sequência, foi construída uma apresentação teórica em referências que discutam e apresentem a temática da ruptura de vínculos, com foco para discussões acerca do luto nas relações conjugais. Por fim, com a análise e leitura realizada, constatou-se o quanto a obra dialoga com as teorias do luto, em especial quando se apresenta os recursos de enfrentamento e de adaptação frente às perdas.

**Palavras-chave:** Morte. Luto. Literatura. Hilda Hilst.

## 1. Introdução

Hilda Hilst nasceu em Jaú, interior do Estado de São Paulo. Viveu sua vida dedicada à escrita e a literatura, experimentando diversos gêneros textuais, nunca se limitando a apenas um estilo de escrita: percorreu pela poesia, prosa, crônica e teatro. A experimentação, aliás, é um ponto marcante na vida e na obra de HH visto que, ainda jovem, na casa dos trinta anos, decide mudar-se para um sítio a fim de dedicar-se integralmente a escrever.

É inegável, como assinala Mattos (2022), que a escrita de HH surge como uma busca incessante de entrega, tanto de si quanto do outro. Como fez questão de dizer várias vezes, seu desejo maior era ser lida, criando uma interlocução com o mundo. É preciso dizer que apesar de hoje ser conhecida nacionalmente e também fora do país, nem sempre a obra hilstiana teve o espaço que ocupa.

Pode-se dizer que os temas trabalhados na obra de HH são diversos: a vida, a morte, o amor, os relacionamentos. Todos, no entanto, conectam-se entre si, em um fio que não se rompe, onde os assuntos mostram-se atrelados (SILVA, 2009). Dentre tais temas, a finitude faz-se ativamente presente em seus textos, com destaque ao livro de poemas *Da Morte. Odes mínimas*, de 1980.

A partir de seus escritos, questiona-se: é possível realizar uma associação entre a literatura hilstiana, no caso a obra *A Obscena Senhora D*, e as teorias do luto? Pensando exatamente nesta questão, propõe-se neste trabalho a realização de uma intersecção entre literatura, no caso a obra acima citada, com as questões envolvidas nos processos de luto.

Pensando no luto, conceitualmente pode-se compreendê-lo, conforme Franco (2021), como sendo a construção de novos significados frente à uma realidade que se instalou, na grande maioria das vezes, de maneira involuntária pelo sujeito que vivencia as transformações e a quebra de seu mundo conhecido e presumido até então.

Portanto, nossa abordagem se dará com a identificação da temática do luto na obra e o confronto com a teoria do luto. Ademais, destaca-se que o objetivo do trabalho não é classificar ou analisar a experiência da personagem em si, mas sim evidenciar alguns pontos que saltam e se destacam na leitura, buscando a associação com estudos e pesquisas teóricas.

## **2. Metodologia**

O objetivo deste trabalho é realizar um diálogo entre uma obra literária e o tema do luto, conectando aspectos e categorias que podem ser vislumbradas na narrativa literária e ampliando para novas discussões e direcionamentos. Para tanto, primeiramente, foi realizada a leitura da obra de Hilda Hilst intitulada *A Obscena Senhora D*, publicada originalmente em 1982 e, em seguida, em trabalhos que discorrem e fazem análises literárias acerca da obra supracitada, bem como em bibliografias que apresentem dados biográficos da autora em questão.

Na sequência, foram realizadas leituras em autores e autoras que elucidam a temática da ruptura de vínculos para ser produzida uma conexão acerca, isto é, uma junção entre a temática do luto e a prosa de Hilda Hilst. Neste caminho, o presente artigo trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico que, segundo Gil (2008), é considerada a pesquisa em que se utilizam materiais escritos e já publicados acerca de determinado tema, podendo ser livros, artigos ou outros materiais de referência.

## **3. Desenvolvimento teórico**

### **3.1 Hilda Hilst: uma vida à margem**

Filha do fazendeiro Apolônio de Almeida Prado Hilst e de Bedecilda Vaz Cardoso, Hilda de Almeida Prado Hilst nasceu às 23h45 de 21/04/1930, em Jaú, interior do Estado de

São Paulo. Teve três irmãos, frutos do primeiro casamento da mãe. Hilda Hilst (HH) viveu com seus pais até os 02 anos de idade, indo morar apenas com a mãe, em Santos, após a separação do casal. A ausência do pai é um elemento presente em toda a sua obra (FOLGUEIRA e DESTRI, 2018).

De acordo com os autores acima citados, com sete anos de idade, HH foi para São Paulo estudar no Colégio Santa Marcelina, uma instituição interna mantida por freiras, sendo estas responsáveis pelas meninas e por sua educação. Por ser filha de uma mulher separada duas vezes, sofreu retaliações e, inclusive, mães de outras meninas chegaram a protestar quanto à sua permanência naquele espaço. No entanto, Bedecilda era conhecida da diretora, o que facilitou a permanência da filha. Saíndo de lá, em 1945, Hilda ingressou no Instituto Presbiteriano Mackenzie, cursando o ensino médio.

Sua infância, de acordo com Folgueira e Destri (2018), teve a presença intensa de seu irmão Ruy, que a acompanhava nos dias de folga da escola, indo buscá-la e conduzir a pequena Hilda em atividades que ela queria, como o cinema, por exemplo. No entanto, a garota apreciava a solidão: com seus brinquedos, preferia não dividi-los com ninguém, observava árvores, o céu. A literatura, neste ponto, também a acompanhava, preferindo se aventurar em biografias, em especial de santas, e criar um mundo da ordem do imaginário, sendo, portanto, apenas seu.

Aos 18 anos de idade, ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo, por forte influência de sua mãe, que acreditava que, formando-se nesta área, a filha teria condições para se manter financeiramente. HH não foi uma aluna aplicada: de acordo com Folgueira e Destri (2018), a estudante costumava faltar às aulas, chegando a ser reprovada em algumas disciplinas. Após formar-se, atuou na área apenas durante alguns meses em um escritório de advocacia, abandonando a profissão definitivamente. A faculdade, no entanto, lhe rendeu duas grandes amizades: a escritora Lygia Fagundes Telles e Fernando Jorge, ambos a acompanhando em sua caminhada na literatura.

A amizade entre HH e Lygia, inclusive, é retratada no texto *Da Amizade*, contido no livro *Durante Aquele Estranho Chá*, publicado por Lygia originalmente em 2002 e reeditado em 2010 pela Companhia das Letras, contando com nova leitura e edição da própria autora. O texto narra a amizade de ambas, composta por muitos momentos de afetos, mas também de distâncias e desentendimentos. Lygia, ao abordar a relação entre elas, em um dos trechos, diz o seguinte:

Mais apertadamente, em algumas ocasiões, de forma mais frouxa em outros momentos, ah! o tempo e o espaço desta longa travessia. Algumas tempestades. E de repente, a calma, “navegar é preciso!”. Navegar e viver. O que a gente vem fazendo com maior ou menor disposição, não importa, o importante é manter viva lá nas profundezas a chama da fidelidade (TELLES, 2010, p. 35).

O que fica é a certeza de um vínculo sólido, criado e mantido pela fidelidade da amizade, rodeada pelos livros, pelas discussões literárias, pelos eventos que ambas participaram juntas e, também, pelos momentos de trocas em que estavam na casa de HH. Muitos acreditam que HH se dedicou à solidão quando se mudou para a chácara de sua mãe, no entanto, estes foram períodos em que a autora recebeu diversos amigos em casa, como Caio Fernando de Abreu, por exemplo, além da própria Lygia. Assim, podemos notar que ela não era uma pessoa solitária pelo fato de ter decidido abandonar a vida agitada das cidades.

Falando na questão da chácara, foi em 1966 que mudou-se para a fazenda da mãe e, em um dos lotes, construiu sua casa batizada de Casa do Sol, sendo seu espaço de recolhimento e afastamento da intensa vida social que mantinha até então. Nesta casa, HH recebeu amigos, abrigou outros tantos e construiu a maioria da sua produção literária. Lá viveu com seu primeiro e único marido, Dante Casarini, tendo sido casados no período de 1968 a 1985. Ainda, foi na Casa do Sol que ela criou seus mais de 100 cachorros, estando sempre rodeada por animais que, de acordo com Folgueira e Destri (2018), chegavam até ela de diversas formas: fossem resgatados por ela da rua, trazido por pessoas conhecidas ou pelos próprios animais que encontravam o local.

HH havia se cansado da vida regada à festas, eventos e da alta sociedade. Conforme Destri e Diniz (2010) apontam, era comum encontrar a autora em jantares na companhia de grandes nomes da época, como o poeta Carlos Drummond de Andrade, por exemplo. Curiosamente, a decisão de se mudar para um lugar afastado e praticamente se refugiar da agitação da cidade partiu da leitura do livro *Carta a El Greco*, do escritor grego Nikos Kazantzakis. Com a leitura, decidiu que a partir deste momento se dedicaria à escrita, de maneira integral e visceral.

Sua decisão, no entanto, não ficou isenta de espanto das pessoas. Conforme Dip (2016) relata, HH causou *frisson* nas pessoas, pois já era alguém conhecido, com livros publicados e admirados por muitos, principalmente os jovens. Nesta altura, já havia recebido alguns prêmios por suas obras.

A casa, então, era o espaço ideal para que Hilda pudesse refletir e entrar em contato com seu próprio eu. Como ela mesma pontua:

“Porque eu senti a urgência do Tempo que escorre rápido e compreendi que precisava me isolar para mediar profundamente sobre tudo o que é decisivo: o conhecimento de nós mesmos, da natureza, da convivência com o próximo, o amor, a morte, o envelhecimento, o artista, a transcendência ao mesmo tempo lírica e metafísica da vida e de Deus, da crueldade, do júbilo, da paixão (FOLGUEIRA e DESTRI, 2018, p. 77).”

E foi no mesmo ano de 1966, em 24 de setembro, que HH recebeu a notícia de que seu pai havia falecido. Apolônio, após o diagnóstico de esquizofrenia, viveu seus dias entre internações hospitalares em clínicas psiquiátricas e sua casa. Como pontua Folgueira e Destri (2018), certa vez, quando HH o visitou após mais de 15 anos, o pai pediu que ela lhe mostrasse o documento de identidade, a fim de conferir se ela era mesmo sua filha. A ausência do pai, como destacado rapidamente acima, está presente em toda sua obra: é a figura da ausência, do vazio, do abandono, mas principalmente do amor e da beleza, sendo este último elemento algo que ela sempre fez questão de destacar, pois considerava seu pai alguém muito belo. Vê-se que:

[...] na memória da filha, o pai esquizofrênico daria lugar à figura de homem ideal, a quem Hilda procuraria em suas relações. Nas fotos, sempre bonito e bem arrumado. Nos relatos da mãe, objeto de grande paixão. A filha chegaria a dizer, mais tarde, que procurava nos companheiros “a máscara fechada, aquela emotividade extremada, mas inconstante”, que percebia em seu pai. Para Hilda, haveria uma característica a admirar, acima de tudo: ele era um pensador, poeta, admirador da literatura (FOLGUEIRA e DESTRI, 2018, p. 25).

Quanto à relação entre eles, HH disse, não raras vezes, que se sentia vivendo uma situação edípica, remontando ao conceito de Complexo de Édipo formulado por Freud, o pai da psicanálise, no qual a filha apresenta ideações e desejos incestuosos com o pai. Neste caminho, inclusive, escreve em um de seus trabalhos, *Kadosh (1973)* (originalmente publicado como *Qadós*) uma cena de possível incesto entre um pai e sua filha, fato que parece ser, de acordo com Folgueira e Destri (2018), um resgate à um evento acontecido com seu pai há alguns anos, em que ele confunde a filha com sua ex-esposa.

Também, em várias entrevistas, HH fala acerca da relação com o pai e de como buscou para si um homem que fosse parecido com ele:

[...] sua imagem continuou em mim alimentando um desejo que nunca mais parou: encontrar um homem parecido com ele. No fundo [risos] sou a perfeita edipiana... E estou cansada de saber disso... A cada vez que amei, procurei em todos os homens os traços do meu pai. E isso provocou coisas terríveis às vezes... [...] Se não eram as mãos, era algo no olhar, não importa o que, algo próximo à loucura (HILST, 1977, p. 37).

Desta forma, como elenca Mattos (2022) a busca pelo pai tão ausente, fez com que HH colocasse em sua escrita ecos de suas memórias, silêncios e encontros com seu próprio interior.

Assim, “[...] mergulha nas profundezas da linguagem, na imaginação do instante ínfimo antes da aniquilação, em que a obra toca, pela própria literatura, o pai ausente” (MATTOS, 2022, p. 12).

Em um texto publicado no *Correio Popular*, em 1969 e publicado na coletânea de entrevistas *Fico Besta Quando me Entendem* (2013), organizado por Cristiano Diniz, Helena Regina traz algumas características acerca da rotina que HH tinha durante seus dias: ela possuía organização religiosamente aplicada: acordava às 6h00, mas apenas se levantava por volta das 7h30. Após o café da manhã, entrava em seu escritório e se dedicava ao trabalho até o horário do almoço. Por volta das 11h, costumava passear com seus cães por entre a fazenda e, após o almoço, almoçava, lia, conversava e ao fim da tarde voltava para o escritório. O jantar era cedo, lia mais um pouco e logo ia para a cama dormir, antes das 22h.

De acordo com Folgueira e Destri (2018), na Casa do Sol, muitos amigos viveram com HH. Alguns ficaram poucos dias ou semanas, enquanto outros residiram durante anos. Assim, sempre com a companhia de pessoas, em 1995 foi a primeira vez que HH se viu sozinha em casa. Neste período, ela começa a beber mais do que o habitual, chegando a consumir mais de uma garrafa de uísque por dia. Sua saúde começa a ser alvo de preocupação das pessoas próximas a ela. Foi hospitalizada algumas vezes nos anos seguintes, passando por alguns episódios de isquemia cerebral.

A década de 1990 foi propulsora de um salto: cansada da falta de reconhecimento da crítica, reclamando dos poucos leitores e dos baixos números de vendas de seus livros que não chegavam a ter uma segunda tiragem, Hilda decide rebelar-se contra o meio intelectual e faz uma virada em sua obra; abandona a produção literária dita “séria” e começa a escrever o que chamou de bandalheiras. Assim, dá início à produção de sua literatura pornográfica, conhecida como tetralogia obscena, composta inicialmente pelo livro *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), seguido por *Contos d’escárnio. Textos grotescos* (1990) e, por fim, *Cartas de um Sedutor* (1991). Este período fez com que Hilda obtivesse diversas críticas negativas, de escritores, jornalistas e também de amigos pessoais. No entanto, conseguiu o que queria: ser vista e, acima de tudo, ser lida (DESTRI e DINIZ, 2010).

É inegável, segundo Dini e Destri (2010) que sua intensa relação com a terra, isto é, com sua chácara, a vida rústica e afastada dos eventos sociais e da badalação, o despojamento e descuido de si (a autora relatou, certa vez, que começara a se “enfeiar”) além de suas referências à temas espirituais, fez com que a imagem social de Hilda Hilst tenha se conectado com uma ideia de misticismo e estranheza.

Além disso, na década de 1970, Hilda passa a se interessar por experimentos ditos “paranormais”, em que buscava gravar as vozes de pessoas mortas, através de frequências de som. Desta forma, sua relação com experiências sobrenaturais marcou sobremaneira sua vida, tendo sido reprovada, inclusive, pelos amigos, que achavam que a amiga estava ficando “louca”. Mattos (2022) complementa que:

A autora chegou inclusive a buscar vozes de outro tempo, em gravações, fitas rebobinadas e muitas horas de investigação. Logo a fama de louca se proliferou na mídia. Muitas entrevistas focaram nos experimentos feitos nessa época. Hilda Hilst interessava-se por artigos científicos. Leu sobre estudos de vozes que poderiam comprovar a continuidade da vida no elemento magnético das fitas (2022, p. 17).

Em 2002, de acordo com Destri e Diniz (2010), HH realizou uma cirurgia no pulmão, pois foi vítima de um câncer. Curada, mas com dificuldade, visto que necessitou de fisioterapia pulmonar e seu consumo excessivo de cigarros causou diversos enfisemas, pouco tempo depois necessitou de outra cirurgia, desta vez no fêmur, ao fratura-lo em uma queda. Foi assim que, de episódio em episódio, as pessoas ao redor viram sua saúde se degradando, até sua morte em 2004, no hospital da Unicamp.

### 3.2 A Obra de Hilda Hilst e *A Obscena Senhora D*

Falar da obra de HH pode ser considerado um desafio, tamanha a complexidade dos temas e discussões apresentadas ao longo de uma vida dedicada à produção literária. Conforme Pécora (2010, 2018) elucida, a obra hilstiana é composta de quarenta livros que diversificam-se entre si, pelos temas e gêneros distintos, a saber: poesia, prosa, crônica e teatro.

De acordo com Moraes (2020), HH praticou diversas formas de escrita, indo das mais convencionais e tradicionais às mais experimentais, resultando em ricos textos que desafiam fronteiras de gêneros. Foi uma autora que transitou entre o místico, o pornográfico, o erudito e o popular, não se filiando a alguma vertente específica e isolada.

Para Mattos (2022) a escrita de HH surge como uma busca incessante de entrega de si ao outro e, no mesmo caminho, de receber este outro em si, no âmago das palavras. Como fez questão de dizer várias vezes, seu desejo maior era ser lida, criando uma interlocução com o mundo. É preciso dizer que, apesar de hoje ser conhecida nacionalmente e também fora do país, nem sempre a obra hilstiana teve o espaço que ocupa. Conforme Cintra e Freitas e Souza (2009), a própria autora declarou inúmeras vezes sentir-se insatisfeita com o alcance de seus livros, tendo sido menos aceita, lida e compreendida do que esperava. O alcance, inclusive, foi limitado tanto nos espaços sociais quanto acadêmicos.

Os temas trabalhados na obra de HH são diversos: a vida, a morte, o amor, os relacionamentos. Todos, no entanto, conectam-se entre si, em um fio que não se rompe, onde os assuntos mostram-se atrelados (SILVA, 2009). Dentre tais temas, a morte faz-se ativamente presente em seus textos, com destaque ao livro de poemas *Da Morte. Odes mínimas*, publicado em 1980 por Massao Ohno/Roswitha Kempf Editores.

Para Freitas e Souza (2009), nesta obra, a aproximação da autora com a morte mostra-se de maneira assustadoramente intimidada, serena e natural. Ainda, para a autora supracitada, HH buscou domesticar e alcançar a experiência da morte, assumindo um papel ativo frente a este evento misterioso em nossas vidas e que, exatamente pelo não-saber, pode provocar angústia e ansiedade.

Neste sentido, para Silva (2009), quando falamos acerca da relação de HH com a morte, podemos constatar que:

Hilst redimensiona o tema, sobretudo pelo jogo de imagens que a morte dessacraliza e desmistifica. Por isso, Hilst vê a morte não como uma experiência do outro, mas próxima e pertencente à sua vida desde o momento do seu nascimento; já que o ser humano é um ser mortal, e a escritora crê na imortalidade da alma e na existência de uma vida após a morte (SILVA, 2009, p. 266).

Assim, é notório que a autora, ao falar da morte, mescla diferentes perspectivas e conhecimentos para abordar tal temática, não se limitando a um único referencial. Para tanto, lança mão da filosofia, da religião e da psicologia. Encontramos, neste caminho, influência de diversos filósofos e pensadores, como Heidegger e Ernest Becker, por exemplo. O objetivo da autora, talvez, seja exatamente fazer com que o leitor busque descobrir o verdadeiro significado da vida, do que é sagrado, primitivo, encarando sua condição efêmera e transitória de existir no mundo (SILVA, 2009). No mais, é possível encontrar:

[...] em Hilst uma perspectiva diferenciada sobre o tema da morte, já que esta temerosa figura é encarada pela escritora como uma experiência pessoal, na qual ela a trata como amiga e amante, e a recria e a renomeia, desenvolvendo desta forma um clima de intimidade. Como isso, a escritora desmistifica o tabu e o horror que envolve o tema (SILVA, 2009, p. 278).

Outro livro da autora que fala sobre a morte, mais especificamente sobre a ruptura de um vínculo, é o livro *A Obscena Senhora D*. Originalmente publicado em 1982, a obra conta a história de Hillé, uma mulher que após a morte do companheiro decide viver sob o vão da escada de sua casa. Lá, passa a realizar um processo de rememoração nos eventos de sua vida, principalmente na relação com seu falecido companheiro, Ehud.

Esta pode ser considerada a sinopse resumida do texto que, apesar de contar quantitativamente com poucas páginas, carrega consigo toda uma densidade e possibilidades de leituras, análises e distintas interpretações. HH, nesta obra, desenvolve um trabalho de prosa múltiplo, não limitado o texto no que se refere a um gênero textual exclusivo. Conforme Pécora (2010) evidencia, nesta obra HH apresenta os quatro gêneros de maneira concomitante, podendo ser encontrados versos, diálogos teatrais, prosa ritmada e também a crônica, quando a autora comenta relatos ou personagens de conhecimento popular.

Abaixo, trazemos uma prévia do livro, que consta na edição de 2020 de *A Obscena Senhora D*, publicada pela Companhia das Letras. O texto encontra-se na contracapa do livro:

Após a morte do marido, Hillé - a Senhora D - percebe que está absolutamente sozinha. Em seu luto, a protagonista decide [continuar a] viver no vão da escada de casa e experimentar o mais profundo isolamento. Num fluxo de consciência radical, ela se vê às voltas com suas lembranças ao mesmo tempo que se pergunta sobre o verdadeiro sentido da vida (HILST, 2020, s/p).

Para iniciar, podemos começar pelo título: o jogo de palavras que se apresenta faz com que o leitor se depare com dois termos que, em um primeiro momento, parecem antagônicas entre si, como pontua Mattos (2022). Temos a palavra “senhora” e “obscena” em uma mesma frase, em uma justaposição que, na linguagem entre nós praticada, em um contexto social patriarcal, faz com que ambas passem a não combinar entre si, visto que culturalmente:

[...] A mulher obscena é contrária à decência e ao pudor, indecente, enquanto o tratamento formal “senhora” lança um outro aspecto: a mulher nobre e distinta, a própria imagem da decência. Existe uma conexão que coloca em tensão a dicotomia entre essas camadas enunciativas com pontos de fuga divergentes, impossibilitando o leitor de criar um centro único de sentido como um plano de convergência (MATTOS, 2022, p. 69).

É possível encontrar, neste sentido, na obra de HH, seu posicionamento frente à afirmação da mulher na literatura enquanto uma busca por seu lugar na sociedade, migrando para além da sombra masculina (SENDRA, 2018). Também, para Cavalcanti (2014) a escrita de HH fornece uma nova perspectiva para além das construções patriarcais que encobriram a literatura há tantos anos: ela visa romper com uma escrita que não siga regras, uma ordem. Desta forma:

A escrita hilstiana, dentre desse contexto, surge como importante forma de demolição do discurso de uma ordem cada vez mais petrificada, elaborado a partir de um centro e produzido por uma voz masculina. A singularidade de sua linguagem e a profundidade dos temas que propõe coloca-a em lugar proeminente na literatura de autoria feminina escrita em língua portuguesa (CAVALCANTI, 2014, p. 229).

Avançando e ainda pensando no lugar da mulher na literatura, mesclando autora e personagem, fica nítido que, para Mattos (2022), a busca principal da personagem Hillé é o ato de experimentar o novo, o até então inimaginável de acontecer. Desta maneira, transita entre linguagem e silêncio, na busca de sentido para as coisas, podendo ser: o que sente, o que não entende e o que não tem controle. Esta ideia faz com que ampliemos a compreensão de obsceno, fazendo com que a obscenidade não tenha relação alguma com o ato do sexo, mas sim com a busca de compreender, o olhar perguntante que vem de uma mulher, rompendo com o cômodo e que exatamente por isso passa a incomodar as pessoas ao seu redor.

O jogo de linguagem que a autora utiliza em *A Obscena Senhora D* busca remover o véu que separa vida e morte, em um movimento sensível de rememoração da vida através das memórias e lembranças que se conectam, se enlaçam. Portanto, as imagens narradas fazem com que as palavras pulsem e entrem em contato com a memória (MATTOS, 2022).

Para Mattos (2022), os nomes das personagens são um mistério: em um momento, podemos pensar que Hillé trata-se de uma brincadeira com o próprio nome da autora, em uma conexão sonora com Hilst. No entanto, o/a leitor/a precisa lançar-se ao desconhecido e aceitar que a narrativa instala-se no mistério, deslocando-se para uma zona de não conhecimento, na plena existência de uma falta de sentido.

Na impressão de Azevedo Filho (2018), o autor diz que *A Obscena Senhora D* é uma obra que pode ser compreendida enquanto um testamento de solidão oriunda da modernidade, em que a personagem Hillé encara seu luto e transforma seus delírios e pensamentos em uma linguagem capaz de expulsar de si aquilo que é inumano, grotesco, difícil de digerir: a narração única, solitária, é capaz de provocar no leitor uma sensação de terror e incômodo. Desta forma, é através de seus monólogos que a personagem vai se construindo, dando corpo ao seu relacionamento, seus delírios, memórias e sua loucura. Hillé fala de si, por si e com si mesma. Tal fato não acontece ao acaso, pois:

Hilda Hilst, em sua narrativa também delirante, além de paranoica, assina sua escritura impondo à protagonista o papel de aceitar esse mesmo solidéu: algo inumano dentro de si a atormenta, uma derradeira dúvida, uma espécie de medo: o de aceitar um papel que lhe faz um excesso de criatura ou uma criatura em excesso ou o excesso da criatura (AZEVEDO FILHO, 2018, p. 46).

Sendra (2018) afirma que HH busca provocar o leitor, colocá-lo frente a frente com as dissonâncias da vida, do mundo e do existir. É o rompimento das idealizações, dos caminhos de esperança. Logo, percebe-se que:

Rompendo com a zona de segurança e de conforto de leitores acomodados, Hilda desvela as acontecimentos da vida, mostra a vida em alicerces de crueza, mostra o homem perdido em seus vazios, vazios preenchidos, muitas vezes, por estranhas oscilações que vão do escatológico ao espiritual, documentados por uma consciência sombria, em dobras do sentido (SENDRA, 2018, p. 14).

Hansen (2022) concorda com a autora supracitada quando diz que HH não é uma autora que proporciona, em suas prosas, um espaço ameno, tranquilo e leve para se estar. Ao contrário, sua prosa é provocativa, faz com que emoções manifestem-se no corpo, o humor pode se alterar, ou seja, o texto provoca possibilidades múltiplas de experimentações. Nas palavras de Ribeiro (1999):

Hilda Hilst, como grande escritora, só poderá ser apreendida por meio da interlocução com seu leitor, com aquele diálogo que se estabelece entre quem escreve e quem lê. Acresce dizer que ela escreve baseada em premissas filosóficas, religiosas, de alta erudição. Mas seus livros não transmitem mensagem alguma de otimismo, ao contrário duvidam se há limites para a ferocidade do homem para com seu semelhante. Ninguém extrai auto-ajuda edificante de seus livros (RIBEIRO, 1999, p. 84).

Logo, com o texto de *A Obscena Senhora D* não seria diferente. Organizado em uma narrativa que acontece na 3ª pessoa, divide-se em sete blocos que alternam-se em três vozes: Hillé, Ehud e também a vizinha, esta última exercendo um papel de fundo na trama. Na prosa, encontramos elementos que fazem-se presentes em quase toda a produção de HH: mudanças súbitas de foco, pontuação pessoal, interrogações, diálogos em que não sabemos quais são os enunciadores e enunciados, por exemplo (CAVALCANTI, 2014).

Entre estes três narradores, podemos olhar para cada um, assim como fez Cavalcanti (2014), e encontrarmos elementos particulares. A começar por Hillé, que logo no início do texto é marcada pela exclusão, referindo-se à si mesma enquanto vendo-se afastada do centro. Podemos encontrar, assim, “sua excentricidade [que] corresponde ao deslocamento de seus passos, expulsos do caminho da normalidade resignada ao mundo” (CAVALCANTI, 2014, p. 265). Vemos, desta maneira, Hillé sendo apagada socialmente por uma renomeação que, como consequência, desfalece seu eu, sua identidade, reduzindo-a a um estigma em que, a redução de seu nome à uma letra acaba por invisibilizar sua própria existência.

Hillé é uma mulher que pergunta, pergunta muito, e as respostas não parecem surgir. Aliás, conforme evidencia Moraes (2020), não existe nenhum vislumbre de respostas para tantas perguntas que a personagem cria, em que sua narrativa fica aberta, livre ao preenchimento do leitor. O “ouro da verdade”, assim, instala-se exatamente nas perguntas, nas inquietações.

Na sequência, Cavalcanti (2014), quando olhamos para Ehud, encontramos um homem que passa a explicar para Hillé o que significa a palavra "derrelição", passando a nomeá-la desta maneira, ignorando a existência de um nome anterior. Assim, vemos que Ehud é quem assume o papel de poder, de uma sombra protetora e dominadora, conduzindo a mulher através da existência. Quando morre, a ausência de Ehud desperta em Hillé o vazio, a solidão, o desespero. No livro, a substituição de peixes vivos no aquário por peixes de papelão, faz com que percebemos o fato de que "[...] o vazio é ocupado por formas mortas, também deslocadas para o vão da escada, como se não fosse mais possível cuidar da vida (CAVALCANTI, 2014, p. 244).

Como o autor destaca, Hillé vê em Ehud a figura da idealização, da perfeição que existe no outro. É o homem bonito, ereto, magro. Desta forma, Ehud desempenha um papel de superioridade frente à Hillé, em que passa a desempenhar narrativas que determinam como Hillé verá o mundo.

O andar apumado de Ehud representa o movimento imerso na realidade do mundo, atendendo a todas as exigências estabelecidas pela vida em sociedade. O andar curvado de Hillé tanto impede o olhar para frente e a consequente percepção do imediato e do pré-visível, quanto inviabiliza o olhar lateral, a detecção do similar ao lado, do outro inscrito como o próximo (CAVALCANTI, 2014, p. 246).

Ainda, temos os momentos em que a vizinhança toma a voz e narra os acontecimentos. É preciso compreendermos a vizinhança como o social, o território e o lócus de inserção da personagem e de sua vida. A vizinhança passa a assumir asco pela mulher, referindo-se inclusive à sua casa como Casa da Porca, em uma visão depreciativa e ofensiva. Na narrativa, encontramos vários momentos em que as pessoas que vivem ao redor lançam ofensas à mulher que, nada preocupada com isso, passa a vestir a máscara de estranha e a assumir comportamentos vistos enquanto inadequados e obscenos. É como se a vizinhança passasse a demonizar Hillé e sua casa, em um movimento de estranheza pois a mulher foge à normalidade esperada socialmente (CAVALCANTI, 2014).

Por fim, para Saavedra (2018), *A Obscena Senhora D* é um livro que reúne, em um mesmo tomo, dois pontos cruciais em toda a produção hilstiana, mas que aqui se mostra claro e escancarado: a relação entre o divino e o profano. Desde o título, encontramos uma obra que nos coloca frente a frente com a contradição, com o que se choca. Pensar na obscenidade, então, é olhar para Hillé, uma mulher velha que exhibe comportamentos tidos impróprios, ainda mais para uma mulher inserida em um contexto patriarcal e machista, comportamentos como: ficar nua na janela de casa ou gritar palavras sórdidas para a vizinhança.

### 3.3 Rupturas de vínculos: um olhar para o luto

Não há uma definição única para o luto, tamanha sua complexidade e singularidade para cada pessoa que vivencia uma ruptura de vínculo. Desta forma, podemos apresentar algumas conceituações que acabam por dialogar entre si.

Barbosa (2016) apresenta o luto enquanto uma resposta que é característica em meio à uma perda significativa, desencadeando mudanças e transformações que englobam as dimensões tanto físicas, comportamentais, psicológicas, espirituais quanto socioculturais do sujeito. Já Parkes (1998) diz que: “o luto é, afinal, uma resposta normal para um estresse que, embora raro na vida de cada um de nós, será vivido pela maioria, mais cedo ou mais tarde, sem que seja considerado uma doença mental” (p. 21).

Para Franco (2021), podemos compreender o luto como sendo a construção de novos significados frente à uma realidade que se instalou, na grande maioria das vezes, de maneira involuntária pelo sujeito que vivencia as transformações e a quebra de seu mundo conhecido e presumido até então.

Ademais, é importante destacarmos que, quando nos debruçamos em definições para o luto, é preciso saber de onde se originam os/as pesquisadores que a definem: se são psiquiatras, psicólogos, sociólogos, filósofos, dentre outros. Cada área do saber trará especificidades para o luto a partir de interesses e de uma linguagem comum para seu campo de saber, trazendo uma ampliação importante para sua compreensão (FRANCO, 2021).

A autora acima apresenta e detalha que existem diversas perspectivas e modelos teóricos para o luto, a fim de exemplificar e interpretar a experiência do luto vivida pelos sujeitos. Algumas das teorias que Franco (2021) elucidam são, a saber: a *Teoria do Apego*, formulada por Bowlby; a *Teoria das Transições Psicossociais*, de Parkes e Bowlby; A *Teoria do Processo Dual*, de Stroebe e Schut e *As Tarefas do Luto*, cunhadas por Worden.

Também, faz-se interessante elucidarmos que o luto não se refere apenas à perdas ocasionadas pela morte concreta, isto é, quando há a morte de um corpo vivo. Conforme Franco (2021) menciona, as manifestações de luto são diversas e diferentes entre si, em que pode-se falar sobre perdas da vida cotidiana e nem por isso devem ser consideradas menos importantes. Por vezes, essas perdas tendem a gerar um processo de luto que pode variar em níveis de reconhecimento social e que, ainda, podem ou não requererem suporte profissional para seu enfrentamento.

Em situações que o luto envolve o adoecimento e a possibilidade da morte, Fitzgerald (1995) apresenta que o luto geralmente surge a partir de três situações: quando a pessoa recebe o diagnóstico de uma doença grave e potencialmente mortal, quando ocorre uma morte e, ainda, quando temos conhecimento e somos informados da morte de um ente querido.

Quando nos voltamos para a história, podemos constatar uma caminhada importante na ampliação, alterações e construção de diversos estudos sobre o luto ao longo dos tempos. Andery (2021) constrói uma linha do tempo importante para que possamos conhecer como se deu os avanços nesta área. A autora inicia recorrendo à estudos que elucidam que nos séculos XVII e XVIII o luto era tido como causa de morte e, por isso, eram prescritas medicações para as pessoas que estavam enlutadas. Parkes (2011), em estudo anterior, havia evidenciado que:

A maioria dos primeiros estudos sobre luto adotaram um ponto de vista médico, que é uma boa maneira de diagnosticar e tratar alguns problemas, mas corre o risco de ignorar ou subestimar a importância de outros fatores e levam a acusações de que os médicos estão "medicalizando" as crises normais da vida. Após o luto, a linha entre saúde e doença começa a se confundir. Para muitas pessoas, o luto é uma experiência tão dolorosa e incapacitante que parece uma doença (PARKES, 2011, p. 1, tradução nossa).

Ainda, Andery (2021) chega ao século XX ao se referir à Sigmund Freud e seu importante trabalho na área do luto com a publicação de *Luto e Melancolia* em 1917, fruto de suas observações durante o período da Primeira Guerra Mundial; hoje, essa obra é tida como basilar nos estudos sobre o luto. Em um salto para o século XXI, a autora nos apresenta estudos do psicólogo americano Robert Neimeyer quando compreende o luto por meio de uma construção de significados, a partir da modificação do mundo interno da pessoa enlutada a partir de mudanças em sua relação com o externo e, inclusive, com o interno.

Não iremos trazer neste trabalho toda a linha do tempo dos estudos sobre o luto, visto que a autora supracitada já o fez. Nosso objetivo foi destacar que existem diversas teorias que, com o tempo, passam por modificações e reformulações, sendo não raras vezes substituídas por outras que dão conta, naquele momento histórico, de traduzir as necessidades da população.

Um exemplo é a compreensão de que o luto é composto por fases ou estágios. Há diversas críticas, originadas por profissionais de diversas áreas, como do jornalismo (KONIGSBERG, 2011) e também por profissionais e pesquisadores da área da saúde (PARKES, 2013) em relação ao modelo cunhado por Elisabeth Kübler-Ross (1969/2008) no que se refere às fases/estágios que uma pessoa vivencia em situações de luto: negação, raiva, barganha, depressão e, por fim, aceitação.

Conforme Franco (2021) explica, a compreensão de fases do luto limita a pessoa enlutada e corre o risco de colocar todas as pessoas enlutadas em uma mesma experiência do luto, visto que aplica as fases enquanto regra, não levando em consideração particularidades. Ainda, a autora diz:

O problema dessa referência às fases é que elas constroem uma expectativa a respeito do que seria um processo normal de luto, um comportamento adequado para vivê-lo, o qual as pessoas se veem quase forçadas a cumprir, o que torna a trajetória ainda mais difícil (FRANCO, 2021, p. 75).

Conforme Franco (2021) brilhantemente destaca, ao trabalharmos com pessoas enlutadas e, logo, quando nos ancoramos em teorias, é importante que tenhamos um olhar culturalmente sensível para as particularidades daquela pessoa que vive em um território que é único e dotado de singularidades, bem como a relação que foi rompida.

Neste caminho, Parkes (2011) diz que para a maioria de nós, a experiência da perda de uma pessoa que amamos será geradora de estresse, mas que algumas pessoas não darão conta de gerir, por si só, toda a gama de estresse que viverá. Ainda, todos nós somos vulneráveis quando somos lançados à experiência de uma perda, mas alguns tendem a ser mais vulneráveis que outros nestas situações. Também, o autor elucida que todas as perdas são traumáticas, mas algumas tendem a ser mais traumáticas que outras em decorrência de múltiplos elementos.

Desta forma, Parkes (1998) destaca que o luto precisa ser considerado enquanto um processo e não um estado, pois ele não apresenta um conjunto de sintomas que claramente surgem após uma perda e vai se desvanecendo com o tempo. Ao contrário, o luto envolve uma sucessão de quadros que vão se mesclando, substituindo e alternando-se ao longo do tempo e da vida da pessoa.

### 3.3.1 Luto em relações conjugais

Neste trabalho, daremos foco a um tipo particular de luto: a perda do cônjuge ou parceiro, visto que a obra de Hilda Hilst que nos debruçamos trata-se do luto da personagem Hillé frente à morte de seu esposo Ehad. Assim, focaremos no luto da mulher que vivencia este tipo específico de luto.

De acordo com Oliveira (2002) a relação com o outro, ou seja, a convivência e a proximidade com pessoas e a criação de vínculos afetivos tornam-se fatores propulsores para a sensação de conforto e de segurança, sendo estas condições essenciais para os seres humanos

e sua sobrevivência. Quando reflete acerca da construção do casal, a autora destaca que na formação desta ligação, cada um dos seus membros traz consigo histórias e repertórios anteriores, bem como seus padrões vinculares e, ainda, expectativas.

Antes de adentrarmos ao tema do luto conjugal, faz-se importante uma breve consideração. Pensando em um recorte da família heterossexual, ou seja, composta por um homem e uma mulher e ao retrocedermos algumas décadas no século anterior, podemos constatar, conforme assinala Oliveira (2002), que até meados do século XX o casamento era socialmente tido como o centro do qual a vida da mulher deveria permear. No entanto, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, esse modelo vem sofrendo alterações significativas, em que os padrões tipicamente comuns de família sofreram alterações com a diminuição do número de filhos, por exemplo. Logo, o papel que as mulheres desempenham nas famílias também se alterou, com o advento, inclusive, do reconhecimento de seus direitos e da liberdade social.

Avançando, ao discorrermos acerca do luto da mulher ocasionado pela perda de seu companheiro, Parkes (1998) diz que a necessidade de assumir e aprender novos papéis sem o apoio até então existente do cônjuge pode trazer uma experiência de estresse para a mulher e que esta experiência pode vir a ser mais intensa e desafiadora do que o próprio luto em si. Neste mesmo viés, Oliveira (2002) destaca que as reações individuais do luto somadas às reações dos demais membros da família, visto que estes também possivelmente também estarão enlutados e precisarão encarar uma reorganização de papéis e também serão impactados pela necessidade de adaptações, tendem a trazer um grande desafio ao núcleo familiar. Ademais, em relação ao que foi perdido, é importante ter-se a noção de que:

Em qualquer luto, raramente fica claro com exatidão o que foi perdido. A perda do marido pode significar ou não a perda do parceiro sexual, do companheiro, do contador, do jardineiro, daquele que cuida das crianças, daquele que é interlocutor em uma conversa, que aquece a cama com sua presença, e assim por diante (PARKES, 1998, p. 24).

Ainda, Parkes (1998) apresenta dois pontos que costumam evidenciar-se em situações de luto: a questão do estigma e da privação. Quando refere-se ao estigma, o autor volta-se às mudanças sociais que acontecem em torno do enlutado após a morte: as pessoas, em sua maioria, ficam tensas, sem jeito de se aproximarem do cônjuge sobrevivente. Não raras vezes, as expressões de apoio e de afeto tornam-se vazias ou inexistentes.

Um dado importante levantado por Oliveira (2002) é que muitas pesquisas têm resultado que, além das costumeiras manifestações depressivas na pessoa enlutada, o primeiro

e o segundo ano do luto tendem a ser permeados por sentimentos intensos de saudade e de dor pela ausência instalada, além de dificuldades em reorganizar a vida prática e também emocional.

Quanto ao surgimento de sintomas físicos, fator importante a ser avaliado, em uma pesquisa de mestrado realizada com uma viúva após pouco mais de um ano da morte do cônjuge, Prizanteli (2008) trouxe o relato do surgimento de sintomas físicos na participante, especialmente cardíacos, com dores no peito, sintomas estes caracterizados como a Síndrome do Coração Partido. A participante, importante pontuar, relata que não recebeu validação e acolhimento dos profissionais de saúde frente ao seu sofrimento emocional, tendo sua experiência de perda não reconhecida.

Já ao referir-se à privação, o autor fala acerca da falta daquilo (ou de algo) que anteriormente fora fornecido pela pessoa que morreu, visto que “as pessoas têm necessidade de outras pessoas, e a perda do marido amado, da mulher ou de um filho, provavelmente deixam um grande vazio” (PARKES, 1998, p. 27). Complementarmente, Oliveira (2002) diz que:

Quando se perde o cônjuge, perde-se juntamente a condição civil, o parceiro de atividades e lazer, a pessoa em que se apoiar nos momentos de dúvida, o pai ou a mãe dos filhos, a renda principal ou complementar da família e tudo aquilo que acompanha o vínculo de parceria do casal. Com frequência, as pessoas enlutadas se referem a aspectos muito especiais da relação com o cônjuge, dos quais sentem falta, mesmo que aparentemente seja um aspecto superficial. A caminhada de domingo, a companhia para o cinema ou teatro, o elogio por uma atitude, o calor na cama durante o inverno, até as queixas e defeitos da pessoa falecida fazem falta e deixam a vida vazia e sem sentido (p. 164).

De acordo com Oliveira (2002), o apoio familiar e a existência de uma rede de apoio efetiva costumam ser um importante recurso que permite um enfrentamento adequado e suficiente frente à perda do cônjuge, pois “[...] permite encontrar ajuda nas tarefas diárias e apoio para poder se lamentar e lembrar” (p. 160). No mesmo caminho, Prizanteli (2008) pontua que:

A viuvez têm demonstrado ser experiência com maior grau de dificuldade de superação para o cônjuge enlutado. Desse luto, pode desencadear problemas psiquiátricos, e até mesmo levar a morte. Há relação direta na saúde do cônjuge sobrevivente, especialmente, para aqueles que não têm uma rede de apoio social mais próxima (PRIZANTELI, 2008, p. 52).

Por fim, ao discorrerem acerca do luto conjugal na vida adulta, Carr e Jeffreys (2011) concluem que alguns dos sintomas que podem ocorrer frente ao luto, tais como estresse, solidão e ansiedade, tendem a variar de intensidade e duração, refletindo particularidades e diferenças

frente ao relacionamento em si, levando em consideração a natureza da relação, o contexto da morte, a existência ou não de suporte social e emocional, por exemplo.

#### **4. Ecos entre o processo de luto e *A Obscena Senhora D***

Neste ponto, serão apresentadas algumas considerações entre o processo de luto, ancorados na literatura acima descrita, e a obra de Hilda Hilst, *A Obscena Senhora D*, também descrita anteriormente. salienta-se que o objetivo não é trazer respostas prontas, correlacionar teoria e literatura a fim de justificar um conceito com algum trecho narrado, mas sim trazer algumas reflexões e realizar conexões.

De partida, as primeiras linhas do texto trazem pontos interessantes. Hillé, ou melhor dizendo, a Senhora D, diz que se vê afastada do centro de alguma coisa, mas não sabe especificamente o que seja. Ao longo do livro, ela mostra ser uma mulher questionadora, que vive às voltas de inquietações e perguntas sobre a vida, a morte, sobre si e sobre os outros ao seu redor. Por ser uma mulher insatisfeita com o que a vida lhe oferece, busca sempre uma resposta, mas EHUD logo a alerta: “será que você não entende que não há resposta? (HILST, 2020, p. 14).

Exatamente por ser uma mulher que busca outras perspectivas, que busca respostas, Hillé não se preocupa com o que as pessoas pensarão de si: exatamente por isso nunca se importou em manter uma imagem social de respeito, ou dentro dos padrões comuns para o convívio em sociedade. Ao contrário, costumava utilizar máscaras da janela de casa para assustar as crianças que passavam pela rua. Interessante pensarmos acerca do uso de máscaras: para que as máscaras servem além de esconder, fingir/substituir um rosto ou uma expressão por outra? Máscara como fingimento, simulação, ato de esconder.

Com seus sessenta anos de idade, por viver em uma incansável busca que a acaba por isolar de tudo e de todos, inclusive de EHUD enquanto ele era vivo, pois ela decide morar no vão da escada aproximadamente um ano antes da morte do esposo, Hillé acaba sendo batizada por ele de Senhora Derrelição, ou simplesmente Senhora D, visto sua dificuldade em memorizar qual o significado da palavra derrelição:

Derrelição EHUD me dizia, Derrelição - pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu? Desamparo, Abandono, desde sempre a alma em vaziez, buscava nomes, tateava cantos, vincos, acariciava dobras (HILST, 2020, p. 13).

Após a morte de Ehud, Hillé passa a viver de maneira integral embaixo do vão da escada de sua casa, rememorando lembranças, revisitando o passado. Para nós não fica claro como ele morreu, a autora não detalha este acontecimento. Acima de tudo, Hillé é uma mulher, uma esposa que, em certo momento de sua vida, vê-se sozinha (literalmente) sem a presença física de seu esposo, Ehud. Vemos que Hillé já era uma mulher com dificuldade em estabelecer e manter relações sociais e, após a morte do esposo, isso se intensificou. Os vizinhos, inclusive, após a morte de Ehud, tentavam aproximações, mas era em vão:

[...] senhora D, senhora D, olhe, dois pãezinhos para a senhora, fui eu mesma que fiz, sou sua vizinha, se lembra? olhe senhora D, não pode se trancar assim, **a morte é coisa que não se pode dar jeito, né, o senhor Ehud ficaria triste lhe vendo assim, tá morto né, a morte vem pra todos** (HILST, 2020, p. 20, grifo nosso).

Pode-se perceber, nesta passagem, como o social pode ser nocivo para o processo de luto das pessoas: a vizinha verbalizou palavras de descrédito e de total falta de validação frente ao que Hillé estava vivenciando, conforme destacado na citação. Ao generalizar e colocar o luto da personagem em um local comum, isto é, que todas as pessoas irão vivenciar e, além disso, de que todas as pessoas algum dia irão morrer, perde-se a individualidade e singularidade deste processo.

Diversos autores e autoras, como James e Friedman (2009), destacam que cada relação é única e não há exceções para isso: exatamente por tal fato, é preciso que a própria pessoa enlutada dê-se conta desse fato. Frases como: “eu sei como você se sente” costumam ser ouvidas com grande frequência pela pessoa enlutada. Este comentário, ao contrário do que as pessoas esperam, não causam alívio ou conforto.

Vejamos a resposta de Hillé para a vizinha:

[...] ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergonhada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim, aí ó Antônia, ó Tunico, só quis dar pão pra ela e olha como ficou, tá pelada, ai gente, embirutou, credo nossa senhora, é caso de polícia essa mulher (HILST, 2020, p. 21).

Pode-se notar, pelo trecho acima transcrito, que Hillé se comportou de maneira inesperada pela vizinha: ela foi logo tratando de tirar a roupa, expondo seu corpo nu, em um gesto a fim de transmitir sua raiva e inconformismo com a intromissão e violência verbalizada pela vizinha, desejando também que ela se afastasse de sua casa. Percebe-se como seu comportamento causa choque, desconforto e raiva. A exibição do corpo nu em nossa sociedade

é algo dotado de tabus e, com isso, quando alguém decide por despir-se em público, logo este alguém é sinalizado como “louco” ou, conforme a vizinha, alguém que “embirutou”. Paralelamente, podemos pensar que as frases enunciadas também causaram isso em Hillé, foram violentas, obscenas e, acima de tudo, invasivas.

Ainda, com os trechos acima recortados, pode-se fazer uma conexão com as palavras de Adichie (2021) quando traz, ao discorrer acerca de sua experiência com o luto a partir da perda de seu pai, que as palavras das pessoas, mesmo que muitas vezes dotadas de boas intenções, podem machucar e serem hostis. Frases como: “ele foi para um lugar melhor” ou, ainda referir-se à idade da pessoa como uma justificativa para a morte, tendem a ser difíceis de serem dirigidas pela pessoa enlutada em seu momento de sofrimento.

Também, conforme Barbosa (2016), as respostas do luto tendem a causar mudanças e transformações para além do emocional, isto é, podendo vir a englobar a esfera comportamental, psicológica, espiritual e também sociocultural do sujeito.

É esperado que, com seus comportamentos tidos como inadequados, Hillé passe a ser vista como alguém indesejado e estranho. Ela narra como torna-se vista pelas pessoas da vizinhança:

Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gentes sou como uma grande porca acinzentada, diante de muitos a quem conheci sou uma pequena porca ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar perto do macio, do esconso (HILST, 2020, p. 21).

Neste ponto, cabe uma reflexão: é notório como a cultura, isto é, a sociedade passa a avistar enquanto estranho, errado, inadequado as pessoas que esboçam reações e comportamentos que não condizem com a norma estabelecida até então. Como poderia ter sido diferente a reação de Hillé, por exemplo, se ao invés das palavras de julgamento e descrédito lançadas pela vizinha, ela tivesse ouvido palavras de acolhimento e de reconhecimento de sua perda?

Outro ponto válido para ser debatido é quanto ao mundo que Hillé conhecia e como ele se transformou após a perda de Ehud. Seu mundo presumido desaba, sendo ela tomada por um vazio e completo estranhamento frente à vida. Com isso, ela passa a se questionar, inclusive, sobre si própria: “[...] tendo sido quem fui, sou esta agora? Como foi possível ter sido Hillé, vasta, afundando os dedos na matéria do mundo, e tendo sido, perder essa que era, e ser hoje quem se é?” (HILST, 2020, p. 18). Hillé é tomada, após a morte de Ehud, por questões que a colocam frente a frente com o sentido da vida e da existência. Inclusive, sobre a morte do

companheiro, ela questiona: “E o que quer dizer isso de Ehud não estar mais? O que significa estar morto?” (HILST, 2020, p. 18).

Conforme Fitzgerald (1995) aponta, o novo “status” adquirido, isto é, o ser viúva/o, pode colocar a pessoa em uma situação de não reconhecimento de si, conectado com todo o ajustamento que será necessário que seja feito em sua vida. A noção até então existente de ser parte de um casal é desfeita, dando espaço a uma nova identidade que precisará ser, com o tempo, assimilada.

Pensando na questão do lidar com a morte e questões ligadas à finitude, um outro trecho da obra curioso é quando Hillé relata sobre os peixes que estão no aquário:

Quando Ehud morreu morreram também os peixes do pequeno aquário, então recortei dois peixes pardos de papel, estão comigo aqui no vão da escada, no aquário dentro d’água, não os mesmos, a cada semana recorto novos peixes de papel pardo, não quero mais ver coisa muito viva, peixes lustrosos não, nem gerânios, maçãs romãs, nem sumos, suculentas, nem laranjas (HILST, 2020, p. 14).

Hillé precisa, aparentemente, manter uma memória viva dentro de si: os peixes de papel no aquário. No entanto, como Ehud morreu, a vida em carne e osso, isto é, a vida concreta, a vida que respira, que é orgânica, não lhe parece interessante naquele momento (ou justa). Por isso, ela também não deseja ver mais nada que lhe remeta à vida, como as flores e as frutas.

Não obstante, os peixes falsos, isto é, de papel, também parecem transmitir uma sensação de controle frente à morte, pois ela pode, a qualquer momento, substituir os peixes. No entanto, apesar de serem de papel, eles também findam: “Deito sobre a palha no meu vão da escada, toco dentro das águas **os peixes pardos, esfarelam-se, é preciso recortar os novos,** talvez deva usar um papel mais encorpado para resistirem mais tempo dentro d’água (HILST, 2020, p. 24, grifo nosso).

A morte resiste, busca um jeito de mostrar que a finitude e a transitoriedade fazem parte da existência: até os papéis se desfazem na água. Portanto, como recusa, Hillé pensa na possibilidade de utilizar um papel mais encorpado, mais grosso e durável. São nossos recursos para negar a realidade incômoda, desconfortável e invasiva que é a morte.

Por seu incômodo com a morte e, ainda, por ser sempre uma pessoa questionadora acerca das questões existenciais humanas, Hillé reflete muito sobre o para onde vamos e, também, o que nós seremos após a morte. Eis um trecho: “E há de vir um tempo, meu pai, que tu e eu não estaremos mais, nem Ehud, e estaremos onde um sem tempo?” (HILST, 2020, p. 62).

Estas são questões que conforme Kovács (2021) ilustra, permeiam a humanidade há séculos. Perguntas sobre nosso destino, o que seremos após a morte, se é que seremos algo, para onde vamos, dentre outras, rondam o imaginário do ser humano, fazendo com que ele busque possíveis respostas para aliviar suas inquietações. Acerca destas respostas, a autora diz ainda que:

Essas perguntas desafiam a humanidade há muito tempo. Respostas são oferecidas pelas religiões, pelas ciências, pelas artes e pelas filosofias. Entretanto, nenhuma delas é completa e universal, embora possam ser, para algumas pessoas, em um dado tempo, o que elas buscam, oferecendo um sentimento de integração e pertencimento, mesmo que provisoriamente (KOVÁCS, 2021, p. 2).

Hillé pergunta, pergunta e pergunta. Como Moraes (2020) sinaliza no posfácio da edição de *A Obscena Senhora D*, não há respostas para as indagações da personagem. Não é possível sequer vislumbrar caminhos que respondam tantas indagações, que voltam-se inclusive para o sagrado e o divino, em uma busca, conforme Hillé enuncia, que seja o “ouro das verdades”.

Ao final da obra, o leitor é introduzido brevemente a dois personagens que conversam entre si sobre o estado de saúde de Hillé e nos apresentam, em diálogo, que a personagem está morrendo. Faz um dia ensolarado, mas ela está morrendo, é o que eles dizem. Curioso que na conversa, um dos personagens observa que os cachorros estão rodeando Hillé, como se eles soubessem que a morte de sua tutora estava próxima. Uma nota interessante: na Casa do Sol, HH viveu com aproximadamente 100 cães durante o tempo em que esteve lá. Sempre rodeada de animais, inclusive isso se mostrando em sua obra.

Por fim, HH termina o livro com uma frase: “Livrai-me, Senhor, dos abestados e dos atoleimados” (HILST, 2020, p. 64). Esta é, aparentemente, uma frase-oração, um pedido, um olhar para o sagrado e o divino, temas tão presentes em sua produção literária.

## **5. Considerações finais**

A partir das reflexões tensionadas durante o texto, torna-se possível sinalizar a possibilidade de realizar o laço entre a ficção de HH e a teoria do luto, na medida em que a autora, sensivelmente, busca recortar cenas cotidianas na vida das pessoas, em especial no que diz respeito aos processos de luto, e poeticamente os transpõe para o papel em formato de prosa.

É possível tal afirmação na medida em que é possível perceber e ter contato com a experiência do luto da personagem Hillé, após a morte de Ehad, seu companheiro. Como foi

possível constatar ao longo do texto, a escrita de HH coloca o ser humano frente a frente com algumas questões que costumam trazer desconforto para as pessoas, sendo a morte um exemplo claro e muito presente em seus escritos.

Conforme elucidado, existem diversos e importantes estudos que discutem a experiência do luto em fim de relacionamentos, em especial para mulheres viúvas. O objetivo deste trabalho, como vimos, era realizar uma conexão com a literatura e descobrir o que seria possível extrair deste encontro, isto é, o que se destacaria com a leitura. Acredita-se que ao longo do trabalho trouxemos alguns pontos que se destacaram. Primeiro, o luto enquanto uma experiência única e universal. Segundo, evidenciamos pontos relacionados à existência ou não de redes de apoio no luto, em que a personagem Hillé, por exemplo, vivenciou momentos de não reconhecimento ou validação. Por fim, mas não menos importante, o terceiro ponto diz respeito às questões existenciais que tomaram conta da personagem, refletindo sobre a vida e seu valor.

É importante destacar também que a leitura aqui realizada não é afirmativa e única, ou seja, são interpretações a partir de leituras, por isso, não se caracterizam enquanto verdades universais. Destaca-se que uma conclusão diferente seria limitadora das possibilidades interpretativas que um texto literário propõe aos leitores. Assim, este é um recurso que acontece quando nos propomos a realizar correlações entre literatura e teoria.

Por fim, para concluir, ressalta-se outra vez a importância dos escritos de HH para a literatura brasileira e mundial, visto que foi traduzida para outros idiomas, enquanto uma escrita política e ética, em que se pode vislumbrar a conexão que existe entre ficção e realidade.

## Referências

ADICHIE, C. N. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ANDERY, M. C. R. Linha do tempo nos estudos sobre o luto In: FRANCO, M. H. P.; ANDERY, M. C. R.; LUNA, I. J. (Orgs.) **Reflexões sobre o luto**: práticas interventivas e especificidades do trabalho com pessoas enlutadas. Curitiba: Appris, 2021.

AZEVEDO FILHO, D. S. de. **Ter sido estar sendo**: a prosa poética de Hilda Hilst. Curitiba: CRV, 2018.

BARBOSA, A. **Fazer o luto**. Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 2016.

CARR D.; JEFFREYS, J. S. Spousal bereavement in later life In: NEIMEYER, R. et al. (Eds.) **Grief and bereavement in contemporary society: bridging research and practice**. New York: Routledge, 2011.

CAVALCANTI, J. A. **Palavra desmedida: a prosa ficcional de Hilda Hilst**. São Paulo: Annablume, 2014.

CINTRA, E. C.; FREITAS e SOUZA, E. N. Apresentação In: CINTRA, E. C.; FREITAS e SOUZA, E. N. **Roteiro poético de Hilda Hilst**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

DESTRI, L.; DINIZ, C. Um retrato da artista In: PÉCORÁ, A. (Org.) **Por que ler Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2010.

DIP, P. **Numa hora assim escura: a paixão literária de Caio Fernando Abreu e Hilda Hilst**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

FOLGUEIRA, L. S.; DESTRI, L. **Eu e não outra: a vida intensa de Hilda Hilst**. São Paulo: Tordesilhas, 2018.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século XXI: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 2021.

FITZGERALD, H. **The mourning handbook: the most comprehensive resource offering practical and compassionate advice on coping with all aspects of death and dying**. New York: Fireside Edition, 1995.

FREITAS e SOUZA, E. N. Como se morre com Hilda Hilst: lições de seu “pequeno bestário” In: CINTRA, E. C.; FREITAS e SOUZA, E. N. **Roteiro poético de Hilda Hilst**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

HANSEN, J. de C. Posfácio - mover a margem do ser In: HILST, H. **Tu não te moves de ti**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

HILST, H. **A obscena senhora D**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HILST, H. **Da morte. Odes mínimas**. São Paulo: Globo, 2003.

HILST, H. **Em brasileiras: vozes, escritos do Brasil**. [Entrevista concedida a Clelia Pisa e Maryvonne Lapouge Petorelli], publicado originalmente em *Brasileiras: voix, écrits du Brésil*.

Paris, Des Femmes, 1977. Tradução de Marcela Vieira. Disponível em: <http://www.hildahilst.com.br/portfolio/brasileiras-vozes-escritos-do-brasil-1977> Acesso em: 17/10/2022.

JAMES, J. W.; FRIEDMAN, R. **The grief recovery handbook**: the action program for moving beyond death, divorce, and other losses. New York: Harper-Collins Publishers, 2009.

KONIGSBERG, R. D. **The truth about grief**: the myth of its five stages and the new science of loss. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2011.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: quebrando paradigmas. Nova Hamburgo: Sinopsys, 2021.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MATTOS, S. F. de. **Poética da profanação**: uma análise de *A Obscena Senhora D*, de Hilda Hilst. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.

MORAES, E. R. Posfácio - a obscena senhora Deus In: HILST, H. **A obscena senhora D**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

OLIVEIRA, C. C. Casamento e viuvez In: FRANCO, M. H. P. (Org.) **Estudos avançados sobre o luto**. Campinas, SP: Editora Livro Pleno, 2002.

PARKES, C.M. **Elisabeth Kubler-Ross, On death and dying**: a reappraisal. Mortality, 2013; v. 18, n. 1, p. 94-97.

PARKES, C. M. Introduction: The historical landscape of loss: development of bereavement studies In: NEIMEYER, R. et al. (Eds.) **Grief and bereavement in contemporary society**: bridging research and practice. New York: Routledge, 2011.

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PÉCORA, A. Nota do organizador In: PÉCORA, A. (Org.) **Por que ler Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2010.

PÉCORA, A. Cinco pistas para a prosa de ficção de Hilda Hilst In: HILST, H. **Da prosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PRIZANTELI, C. **Coração partido**: o luto pela perda do cônjuge. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica). Programa de Estudos Pós-Graduados em

Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo- SP, 2008.

REGINA, H. Hilda Hilst: suas peças vão acontecer In: DINIZ, C.(Org.) **Fico besta quando me entendem**: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013.

RIBEIRO, L. G. Da ficção In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de Literatura Brasileira - Hilda Hilst**, nº 8. São Paulo: IMS, 1999.

SAAVEDRA, C. A palavra deslumbrante de Hilda Hilst In: HILST, H. **Da prosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SENDRA, A. P. Prefácio - as plurais faces de uma escritora singular In: AZEVEDO FILHO, D. S. de. **Ter sido estar sendo**: a prosa poética de Hilda Hilst. Curitiba: CRV, 2018.

SILVA, L. C. A. da. Hilda Hilst: a literatura e a morte In: CINTRA, E. C.; FREITAS e SOUZA, E. N. **Roteiro poético de Hilda Hilst**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TELLES, L. F. **Durante aquele estranho chá**: memória e ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.